

(Re)orga**Ni**SE

1ª EDIÇÃO • RIO DE JANEIRO, DEZEMBRO DE 2014 • 2 MIL EXEMPLARES

R\$ 1,00

**NISE DA SILVEIRA E O
MUSEU DE IMAGENS DO
INCONSCIENTE: criadora,
criatura e infinitas criações**

**UNIVERSIDADE POPULAR
DE ARTE E CIÊNCIA E O
SURGIMENTO DO HOTEL
DA LOUCURA**

**COLUNA “QUANDO
EU MORRER QUERO
VIRAR ESTRELA”,
POR LUCIENE ADÃO**

**AS FEIRAS DO
ENGENHO DE
DENTRO:
as cores e
cheiros que
misturam cultura,
solidariedade e
reciclagem**



EDITORIAL

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana.” É com uma frase de Carl Gustav Jung que abrimos o primeiro editorial do jornal (Re)orgaNISE.

Primeiro porque o fundador da psicologia analítica foi a maior referência de Nise da Silveira em seus estudos. Segundo porque apostamos que para lidar com a alma humana, é preciso respeitar a organicidade.

Os indivíduos não são

todos iguais e não deveriam ser levados a ser. A padronização de comportamento é mais uma ferramenta do sistema capitalista: tudo para que se mantenha o status quo, sem qualquer questionamento.

Arriscamos dizer que a doença que mais afeta o ser na atualidade é a busca obsessiva por dominação. É através da inferiorização do outro, que as relações humanas adoecem. Como também disse Jung, “o oposto do amor é o poder”.

Somos contrários aos

métodos reacionários de tratamento, que envolvem cárcere, internações compulsórias e medicação excessiva. Entendemos que as medidas institucionais de repressão envolvem omissão e desprezo pelas pessoas com transtornos psíquicos.

O Estado claramente incentiva o uso indiscriminado de medicamentos para fortalecer a máfia da indústria farmacêutica e seus privilegiados.

Em meio a esse cenário, trazemos nessa edição a vida, obras e feitos de Nise da Silveira, uma

das primeiras mulheres
a ser formar em medicina
no Brasil e verdadeira
pioneira na luta anti-
manicomial.

Convidamos os leitores a viajar pela história e resultados da ocupação Hotel e Spa da Loucura, projeto idealizado pela Universidade Popular de Arte e Ciência.

Conheçam o trabalho de Luciene Adão: artista genial e inspiração desse impresso. Essas mulheres guerreiras, consideradas desajustadas, são a prova de que o acolhimento, a autonomia, a arte e a cultura são vitais para uma

psiquiatria mais humana.

Agradecemos e parabenizamos a todos que de alguma forma colaboraram para a realização desse jornal.

Concluimos nossa reflexão a respeito da normatização deixando uma mensagem de Nise:

"Não se curem além da conta. Gente curada demais é gente chata. Todo mundo tem um pouco de loucura. Vou lhes fazer um pedido: vivam a imaginação, pois ela é a nossa realidade mais profunda. Felizmente, eu nunca convivi com pessoas ajuizadas".



foto: coletivo AIA



Que loucura é essa?

Em Outubro de 2014 o Coletivo AIA decidiu propor a criação de um jornal impresso que tratasse da pauta antimanicomial. No caminho da luta, conhecemos o Hospital Psiquiátrico Pedro II, reba-

tizado de Instituto Municipal
Nise da Silveira.

Além do complexo que se encontra no bairro Engenho de Dentro, subúrbio carioca, encontramos também diversos coletivos e indivíduos dispostos a embarcar nessa construção. Nossa intenção é criar um canal de comunicação que fique

a disposição dos clientes em tratamento dentro do complexo, a partir daqueles que convivem dentro da ocupação Hotel e Spa da Loucura.

Em pouco tempo de pesquisa, nos deparamos com artistas incríveis e atores geniais, incluindo Luciene Adão: a escritora que viria a se tornar

o pilar do impresso.

O processo não poderia ter mais a ver com a metodologia de Nise da Silveira: a emoção de lidar. Os clientes estiveram presentes durante quase toda a montagem e nos deram um banho de coletivismo.

A REDAÇÃO



imagem: reprodução internet

NISE DA SILVEIRA

Arte do inconsciente

Em 15 de Fevereiro de 1905 nascia Nise da Silveira. Filha de jornalista, a alagoana tem sua formação básica em colégios de freiras, permitidos exclusivamente para mulheres. Aos 21 anos, ela conclui a faculdade na Bahia, tornando-se uma das primeiras mulheres a se formar em Medicina no Brasil. Forma-se sendo a única mulher perante uma turma de 157 homens. Destaca-se por seus trabalhos voltados às questões sociais.

Nise é aprovada em um concurso para psiquiatria em 1933 e passa a trabalhar no Serviço de Assistência a Psicopata e Profilaxia Mental, então conhecido como Hospital da Praia Vermelha.

É nesse hospital que a psiquiatra é covardemente denunciada por uma enfermeira por possuir livros marxistas. Ou seja, ela passa a ser perseguida por ser adepta à ideologia comunista e em 1936 é levada pela polícia de Getúlio Vargas ao cárcere no presídio da Frei Caneca.

Após 18 meses de isolamento na prisão, ela é levada a permanecer junto a seu companheiro em semi-

clandestinidade por oito anos. Durante esse período é influenciada pelas obras de Baruch Spinoza.

Somente em 1944, é permitido que ela voltasse a exercer sua profissão. É reintegrada ao serviço público e começa a desenvolver sua metodologia no Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II. E é lá que retoma sua luta contra as técnicas utilizadas em enfermarias.

Sempre se opondo ao confinamento, eletrochoque, insulino-terapia e lobotomia, Nise da Silveira é transferida para uma sessão desprezada em seu trabalho. Demonstrando sua força e seu desejo em transformar a realidade dos 1500 internos do complexo, em 1946 ela funda a "Seção de Terapêutica Ocupacional".

Contando com a ajuda de Almir Mavignier, um jovem estagiário de 21 anos, ela desenvolve um ateliê de pintura. Mavignier era pintor e desenvolveu as aulas que aconteciam lá. A parceria dos dois durou até 1951, quando Almir se muda de vez para a Alemanha para dar continuidade aos seus feitos no país.

O pioneirismo de Nise se reafirma com os resultados que iam além das formas convencionais de psiquiatria. Segundo ela, a terapia ocupacional através da comunicação não verbal era a única forma de reabilitação de psicóti-

O pioneirismo de Nise se reafirma com os resultados que iam além das formas convencionais de psiquiatria. (...) a terapia ocupacional através da comunicação não verbal era a única forma de reabilitação de psicóticos

cos. Em suas palavras: "a expressão de vivências não verbalizáveis que no psicótico estão fora do alcance das elaborações da razão e da palavra". Ela também foi pioneira na introdução de animais (cães e gatos) como forma de tratamento.

Em suas obras, ela relata que a quantidade das

produções artísticas era a clara demonstração da preservação da afetividade em pessoas esquizofrênicas, mesmo que guardada em seus inconscientes, de certa forma protegida.

Logo, as obras produzidas naquele espaço passaram a ser reconhecidas no mundo da arte. Esse reconhecimento e uma produção de cerca de 350 mil obras, resultaram no internacionalmente famoso Museu de Imagens do Inconsciente. O Museu fica conhecido como "museu vivo", por também abrigar seus criadores, já que ali era onde funcionava o ateliê.

Após se deparar com a recorrência de imagens circulares, espécie de mandalas e a temática mitológica ou religiosa nas produções dos clientes (forma como passa a ser chamado os antigos "pacientes"), as pesquisas de Nise a levam aos estudos de Carl Gustav Jung. E a partir de 1954, eles passam a trocar correspondências. Jung se mostra surpreendido com os resultados. Baseada nos conselhos do suíço que fundou a psiquiatria analítica, Nise passa a

buscar as fontes ou arquétipos de tudo aquilo entendendo que se tratava da manifestação do inconsciente coletivo.

Em 1954, Nise e Jung se encontram no II Congresso Internacional de Psiquiatria, onde foram expostas as obras do Museu. A exposição causou grande sensação e foi o reconhecimento mundial definitivo das ideias de Nise, permitindo que ela pudesse estudar em Zurique e torna-se a maior psiquiatra Jungiana brasileira.

O Museu de Imagens do Inconsciente funciona até hoje, no Instituto Municipal Nise da Silveira e tem entrada gratuita. Ele conta com o acervo de artistas como Adelina Gomes, Carlos Pertuis, Emygdio de Barros, Fernando Diniz e Octávio Inácio.

A trajetória de Nise da Silveira nos mostra que o acolhimento é o canal possível para a cura e é preciso coragem para ser um agente de transformação. Como diria a criadora, "Para navegar contra a corrente são necessárias condições raras: espírito de aventura, coragem, perseverança e paixão."



Nós somos a UPAC

por Vera Dantas

Desde já declaramos publicamente e a quem interessar possa que nossa proposta educacional está calcada em uma visão de educação que toma a vivência como caminho e considera o saber-de-experiência-feito como ponto de partida, base da produção do conhecimento. Aqui referenciamos um dos nossos mestres, Paulo Freire, que nos ensina que o conhecimento provém da experiência. Nos ensina ainda, dialogando com nossa mestra maior, Nise da Silveira, que não se educa só pela racionalidade. Portanto, apresentamos a amorosidade como princípio fundante de nosso caminho

pedagógico e que gera o afeto catalisador, grande legado de Nise que, por sua vez, gera cuidado e alegria, também conceitos que nos iluminam e orientam o nosso caminhar. Aprendemos com Baruch de Spinoza que somos afetados pelas paixões e que as paixões que geram alegria despertam nossa potência de viver. Logo as paixões alegres constituem-se também referências de nossa prática pedagógica. Também dialogando com Nise e Spinoza referendamos a ideia de Deus como algo inerente ao humano, síntese entre transcendência e imanência, sagrado e profano, corpo e espírito.

Apresentamos a vida como centralidade, biocentrismo em vez de antropocentrismo. Em vista disso nossa universidade referencia as práticas tradicionais como o xamanismo, o candomblé e tantas outras, como caminhos de aprendizagens significativas, de fortalecimento da identidade e do desvelamento que Jung chamou de inconsciente coletivo. Na UPAC propomos uma ciência intuitiva que considera a importância do ato criador e onde criação não se separa da invenção. Onde a poesia e a cultura popular revelam a beleza do conhecer que gera luz, faz nascer novas possibilidades de transformação do cotidiano em suas complexidades. Referenciamos ainda Paulo

Freire ao compreendermos o humano como inacabado em sua incompletude que valoriza o saber do outro e da outra respeitando as diferenças e reconhecendo as semelhanças propondo o exercício da alteridade produtor de polifonias e policromias.

Na UPAC propomos uma ciência intuitiva que considera a importância do ato criador e onde criação não se separa da invenção

E para que esses princípios e ideias-forças possam materializar-se, nós atores-sujeitos, protagonistas desta construção, aprendizes da arte do bem viver, propomos caminhos nos quais é possível conjugar o ser, saber e o querer, e onde a escuta sensível, o afeto geram movimentos em potência, atitudes propulsoras para que o mergulho nas vivências produza a abstração acerca do vivi-

do. Nosso caminhar pelos caminhos da terra nos ajudará a construir uma organização que rompa com as hierarquias e as estruturas rígidas; nossa dança pelas chamas energizantes do fogo alimentará a nossa rebeldia e manterá vivo o nosso espírito de luta; nosso navegar pelos caminhos das águas manterá viva a nossa criança e com ela a espontaneidade, o mimo com os que se achegam, a energia brincante que se faz roda-cirandando, cantando e colorindo os espaços com alegria a se expressar nos sorrisos, nos beijos e abraços; nossos vãos pela energia do ar, espalharão poemas e canções e convivendo e partilhando, ensinando e aprendendo vamos construindo o sentido mais profundo da ajuda mútua, do respeito, do diálogo, do ser feliz, onde o processo educativo se faz manifestação, festa, celebração.

Continue lendo em
www.upac.com.br

Hotel da Loucura: a ocupação

Durante o segundo congresso da Universidade Popular de Arte e Ciência, em julho de 2012, a ala de uma enfermaria desativada dentro do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira foi ocupada por cores e muita alegria. Era o primeiro Ocupa Nise, iniciativa que fundou o Hotel da Loucura, ocupação artística que passou a ser a sede da UPAC.

O espaço, cujas paredes são tomadas de pensamentos, poesia, histórias de quem passou por ali e muitas outras intervenções, aos poucos foi se caracterizando como um ambiente de convivência entre clientes, artistas, educadores e pesquisadores.

Hoje o Hotel ocupa dois

andares em um dos prédios do complexo psiquiátrico, contando com um Spa, restaurante, ateliês e galerias de arte. Neste ano, o Ocupa Nise reuniu durante uma semana de intensas atividades, cerca de 400 pessoas de todos os cantos do Brasil e de fora do país, no maior evento de psiquiatria cultural do planeta.

"Nós temos uma comunidade em formação, em processo de aprendizagem, de diálogo, e queremos resgatar e trabalhar a cultura dos nossos ancestrais, modificar nossas práticas simbólicas e melhorar a saúde mental das nossas coletividades", enfatiza o médico e ator Vitor Pordeus, que já levou o trabalho feito no Hotel da Loucura a Londres.

foto: Ratão Diniz



foto: Ana Maria Guimarães



Teatro de DyoNises: Todo ser humano é ator

As alas ociosas dos prédios do complexo psiquiátrico do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, no Engenho de Dentro, viraram palco. O visual sombrio das enfermarias dão lugar ao colorido intenso, e o silêncio se transforma em cantos, músicas, danças e recitais do espetáculo "Loucura sim, mas tem seu método", adaptação de Hamlet, de William Shakespeare, feita pelo grupo Teatro de DyoNises.

"Quem não cria está doente", ecoa Vitor Pordeus, criador do grupo, lembrando a importância das celebrações dionisiacas e dos 'rituais de cura' coletivos que o teatro proporciona. "Aqui, encena-se a loucura. E a loucura devolve a catarse ao ator", diz, reafirmando a potência transformadora da manifestação teatral desde os primeiros rituais do homem primitivo, passando pelos 'Ditirambos', que são os cantos sagrados gregos, culminando na verve poética e trágica de Shakespeare e no teatro científico de Brecht.

"O negócio é a peça!"

"Eles são os maiores atores do mundo!". Reginaldo Terra, 70 anos, goza do prestígio de ser o primeiro ator do Teatro de DyoNises. Atualmente, interpreta o rei Hamlet e é considerado um sobrevivente do sistema manicomial. Por sua vez, Mirian Rodrigues, 42 anos, orgulha-se de ser a primeira atriz da companhia, sempre roubando a cena e guiando com a sua voz o entusiasmo e a alegria dos atores. Cantor, compositor e artista da bola, o ex-morador de rua Jaci Oliveira, 46 anos, apelidado Pelezinho, é reconhecido por unanimidade como um mito vivo. Antes de encontrar o Teatro de DyoNises, já fazia seus números artísticos nas ruas e praças da cidade. A versátil Luciene Adão, que além de atriz, faz incurssões na poesia e na música, conquistou com

garra e maestria o personagem do Rei Cláudio, o vilão de Hamlet.

O Teatro de DyoNises já montou, entre outros espetáculos, "A terra não é o Centro do Universo" (2010), baseado na obra "A Vida de Galileu", de Bertold Brecht, e "O Auto da Paixão de Nise da Silveira" (2012). Em "Loucura sim, mas tem seu método", o grupo traz o príncipe dinamarquês para um "hospício de terceiro mundo" e pretende discutir a atualidade do conflito político e filosófico em Hamlet.

Seguindo o lema "Todo ser humano é ator", imortalizado na fachada do Globe Theatre de Shakespeare, a ideia é que esses "atores-terapeutas" encenem a tragédia shakespeariana nos espaços públicos da cidade e "expressem suas memórias, tradições, costumes e desejos" para acionar conteúdos psíquicos e promover saúde mental.

A segunda temporada do espetáculo aconteceu durante o mês de novembro com apresentações no Arpoador e na Praça Agripino Grieco, no Méier.

foto: Coletivo AIA



COLUNA

Quando eu morrer quero virar estrela

Por Luciene Adão

Uma coluna do teatro
Uma redação Rio de Janeiro
O prefeito Eduardo Paes é maluco
Violento, sem educação
Eu não gosto dele.

Palavra nunca são o céu
Mas o teatro muda o Humor
Aguentem sua cara de falso
Porque eu estou doente
Eu tenho saudade dos meus pais.

#

O Holendo Escuridão

Eu estou na escuridão
Eu estou muito sozinha e sem
carinho
O que é escuridão
É sem luz

Pergunta que ninguém
responde

Mais eu gosto do mundo
Eu sou o mundo
Eu sou suicida do mundo.

#

Compromiço do político
do Brasil

Mais inteligencia é a coisa me-
lhor com o povo
Um pouco de vergonha
Mais não tem ninguém que parece
um só
O politico corupito tem que para
Para com isto
O honesto para ajuda as pessoas
Poble que não tem nada para come,
bebe agua
Que vergonha este pais
Mais você tem uma coisa a mais
Você não voto num filho da puta
Que roubou o dinheiro do povo.

#

Eu quero a minha liberdades do
Mundo eu penso nas pessoas mais
eu não que ninguém me mande na
minha vida
Eu sei manda na minha vida
Eu sou independente detudo
Eu sou anaquista eu tenho muita
saudades da minha familia que mor-
reu eu dependecio quimico eu quero
uma ajuda
Eu sofro muito nesta merda de vida
é um teatro mais quimico
Eu fico sofrido eu fico muitas angus-
tias no coração meu ser é ruim
Tudo é triste porque minha vida
acabou portante eu penso
Eu não visito escola da vida

foto: Ana Maria Guimarães





Engenho de cores e cheiros

Aqui no Engenho de Dentro, no entorno do Instituto Municipal Nise da Silveira, existem feiras de rua onde se realiza a ação de reciclagem de alimentos pelos artistas residentes do Hotel da Loucura. Essas feiras acontecem às quartas (Rua Gustavo Riedel) e sábados (Rua Cruz e Souza) das 6h às 14h.

Perto do horário de encerramento da feira, eles se dividem em grupos e passam pedindo e recolhendo alimentos que sobram e que provavelmente seriam destinados ao lixo. Alimentos esses que ainda estão próprios para o consumo. Entre as razões que os levaram a dar início à proposta estão a redução de desperdício de alimentos e a tentativa de envolver a comunidade com o espírito de ajuda mútua. Quando fazem a famosa



foto: coletivo AIA

“xepa”, encontram diversos trabalhadores dispostos a ajudar doando frutas, verduras, legumes e até mesmo flores. É incrível a quantidade de comida gratuita que se pode reciclar nas feiras. Com a parte que conseguem recuperar, eles possibilitam sua própria alimentação e portanto, demonstram que isso pode significar o sustento de uma família, coletivo ou comunidade.

Os comerciantes costumam se interessar e se mostram curiosos quando descobrem a existência das atividades que acontecem dentro do Hotel da Loucura, aproximando-os da psiquiatria cultural. O diálogo estabelecido entre os artistas residentes com os feirantes se tornou tão próximo, que num episódio o ator e cantor Pelézinho, figura mais que conhecida do bairro, esteve presente na feira e

esbanjou habilidade por ali com suas embaixadinhas.

Alguns dos feirantes sabem do hospital, porém poucos conhecem os trabalhos desenvolvidos durante anos dentro dele. Encontramos no recycle uma forma de divulgação e aproximação da comunidade com a realidade de quem sofre transtornos psíquicos. Os relatos de moradores de que alguns de seus familiares já passaram pelo hospital psiquiátrico e isso era constante razão de ameaça, demonstram o preconceito fomentado durante anos na região.

Os clientes do espaço tem a oportunidade de explorar as cores, cheiros e texturas da alimentação saudável. Participando do processo de busca, limpeza e preparo, eles retomam sua autonomia através do ritual da alimentação coletiva. ►

A importância do reaproveitamento em uma sociedade consumista

Nas principais metrópoles do Brasil é fácil ver pessoas que utilizam da reciclagem como forma de sobrevivência. Uns dos maiores exemplos disso são as catadoras e catadores, que costumam sustentar suas famílias com o dinheiro conquistado através da venda de material reciclável.

A indústria e a sociedade

em geral produzem resíduos em grande quantidade, muitos provenientes de desperdício. Ou seja, produzidos e descartados sem cumprir sua função.

As pessoas são levadas a adquirir novos produtos, diretamente atingidas pela publicidade nos meios de comunicação. Tornando então "lixo" aquilo que ainda tem utilidade. Esse mesmo lixo

que é jogado em vias públicas pode ser restaurado e usado para outros fins.

Aqueles que não têm consciência de quanto resíduo é capaz de gerar, também não refletem que essa montanha de lixo quase nunca tem um direcionamento adequado.

A utilização da água em nossa sociedade é uma prova clara de que os seres humanos pouco se utilizam

das possibilidades de reaproveitamento já existentes. Sabendo que o uso das matérias primas de forma indiscriminada torna a Terra um planeta finito, é preciso repensar o consumo de forma radical.

Em um rápido passeio pelo Engenho de Dentro é possível encontrar exemplos do que estamos falando. São diversos objetos, móveis e

produtos que reutilizamos, propondo suas reconstruções em forma de oficinas.

Acreditamos que a sustentabilidade é incentivadora das artes populares, promovendo grande estímulo crítico no processo criativo e que sendo assim, o que propomos nada tem a ver com o conceito de sustentável promovido em propagandas de bancos e empreiteiras.

imagem: reprodução internet



Mas afinal, o que é veganismo?

O veganismo é uma mescla de reflexões somadas a ações praticadas cotidianamente, boicotando e modificando de forma direta o cenário de exploração animal e abolindo o sofrimento, escravidão, extermínio de uma infinidade de animais. Atuando diretamente em defesa da natureza e os seres vivos neles existentes.

Veganismo é uma prática por direitos animais, é não permitir que animais sejam engaiolados, enjaulados, cercados e mantidos, muitas vezes por toda vida, como fonte de lucro e comercialização industrial, é deixar

de usar animais em todas as instâncias cotidianas, incluindo a alimentação, tornando-se vegetariano, deixando de comer carne, ovos, leite e derivados, corantes que tenham animais em sua composição, o mel, por exemplo, quando produzido sem respeitar as abelhas e seu habitat. Quem opta por uma vida vegana não se restringe apenas à alimentação e boicota também produtos testados em animais, eventos nos quais sejam utilizados animais, como por exemplo touradas.

Em um movimento que sugere abolirmos o uso de animais não-humanos, o veganismo é referência para

a busca em direção de uma nova comunidade baseada no respeito, libertação da terra, libertação animal humana e não humana, sem práticas de sofrimentos e exploração. O veganismo é uma ação direta, uma modificação clara no cenário de exploração e não apenas um meio de reduzir o sofrimento dos animais.

É uma manifestação do princípio da abolição de um grande circo armado contra todo o planeta, sem esperar por mudanças sociais ou nas leis estabelecidas pelos mesmos homens e mulheres que promovem o genocídio aos animais dos mares, terra e ar. Partindo do enten-

dimento e reconhecimento de que os animais não-humanos possuem valores próprios e fundamentais dentro de seus ecossistemas...

É por isso que ao envolver princípios morais e políticos, torna-se a mais importante forma de ação individual para uma mudança significativa. Ser vegana é uma ação simples, diária e contínua, porém pouco divulgada em muitas partes do mundo.

O veganismo é uma grande ferramenta de mudança quando pensamos em abolir a escravidão animal persistente e generalizada e só cabe a cada um de nós mudarmos isso. Ser vegana

e divulgar o veganismo às outras pessoas. É essencial essa mudança de paradigma - junta a outras ações e práticas - podendo abrir caminhos para um cenário de libertação animal plena e completa. Não temos motivos para dependermos de exploração, sofrimento de animais e propagar o extermínio do planeta. Tudo isso para realizarmos nossas necessidades básicas, como se tudo ao nosso redor fosse de plástico, frio, de concreto. Os animais, a natureza não são propriedade, não se vende. Esse ciclo precisa ser interrompido agora na prática. O amanhã se faz hoje.

O coletivo AIA é autônomo, horizontal e autogestionado. Para doações e contato: reorganise@riseup.net

